

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-03-03

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Campos, M., Oliveira, L. & Raposo, P. (2025). Descolonizar a inteligência artificial: Um projeto expositivo virtual e em instalação performativa. In Sónia Pintassilgo, Alexandre Almeida, Ana Catarina Nunes, Helena Soares, Isabel Correia, Patrícia Dinis Costa, Vania Baldi, David Isaac, Henrique Lage, Beatriz Saavedra, Gonçalo Tomé Ribeiro, Helena Alvito (Ed.), *Novos Exemplos de práticas pedagógicas e estratégias de inovação pedagógica no Iscte*. (pp. 189-201). Lisboa: Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.

Further information on publisher's website:

<https://www.iscte-iul.pt/contents/2545/novos-exemplos-de-praticas-pedagogicas-estrategias-de-inovacao-pedagogica>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Campos, M., Oliveira, L. & Raposo, P. (2025). Descolonizar a inteligência artificial: Um projeto expositivo virtual e em instalação performativa. In Sónia Pintassilgo, Alexandre Almeida, Ana Catarina Nunes, Helena Soares, Isabel Correia, Patrícia Dinis Costa, Vania Baldi, David Isaac, Henrique Lage, Beatriz Saavedra, Gonçalo Tomé Ribeiro, Helena Alvito (Ed.), *Novos Exemplos de práticas pedagógicas e estratégias de inovação pedagógica no Iscte*. (pp. 189-201). Lisboa: Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Descolonizar a Inteligência Artificial.

Um projeto expositivo
virtual e em instalação
performativa

Mel Campos

sou@melcampos.com

Leo Oliveira

leollucas@gmail.com

Paulo Raposo

paulo.raposo@iscte-iul.pt

Biografia Preta

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

RESUMO

Partindo de uma experiência pedagógica em ambiente universitário discutimos a necessidade de descolonizar a inteligência artificial (IA), abordando as desigualdades e os preconceitos embutidos nos sistemas algorítmicos. O projeto desenvolveu-se no âmbito de uma Unidade Curricular da Licenciatura em Antropologia do Iscte – Colonialismo, Pós-colonialismo e Antropologia. A constatação de que a IA reflete e reforça estruturas coloniais de poder, perpetuando discriminações raciais, sociais e culturais, exige uma intervenção descolonizadora. Os modelos de IA são treinados com dados predominantemente ocidentais, o que marginaliza outras perspectivas e reproduz visões hegemônicas. O texto defende uma IA que respeite a pluralidade cultural, promovendo justiça social e tecnológica. Para descolonizar a IA, é necessário adotar uma abordagem mais inclusiva e ética, ampliando a diversidade na coleta de dados e no desenvolvimento tecnológico. Também é essencial garantir transparência nos algoritmos e estimular regulações que combatam vieses discriminatórios. Neste projeto de experimentação em IA com uma vertente expositiva, os/as estudantes participarão ativamente do projeto pedagógico por meio de diversas atividades práticas e teóricas, que incentivam a reflexão crítica e a aplicação dos conhecimentos adquiridos; irão estudar como os algoritmos de IA funcionam, identificando possíveis vieses discriminatórios; apoiarão no desenvolvimento de um projeto de IA mais inclusivo e ético na construção de biografias de pessoas racializadas. O objetivo é que os/as estudantes não apenas compreendam a IA de um ponto de vista técnico, mas também desenvolvam uma visão crítica e ativa, ajudando a criar tecnologias mais inclusivas e socialmente responsáveis.

IMAGINAR UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM IA

Este texto decorre de uma experiência pedagógica, ainda em curso, que tem vindo a ser desenvolvida desde Fevereiro de 2025 no âmbito da Unidade Curricular de *Colonialismo, Pós-colonialismo e Antropologia* do 2.º ano da Licenciatura de Antropologia coordenada por Paulo Raposo, um dos autores deste texto, antropólogo branco português, docente do Departamento de Antropologia do Iscte. As reflexões aqui apresentadas são ainda preliminares e representam sobretudo expectativas de resultados e de impactos que, necessariamente, só poderão ser devidamente avaliadas no final deste processo.

Todavia, o enquadramento crítico disciplinar, as orientações e a experimentação pedagógica envolvida e a reflexão epistemológica descolonizadora que este projeto almeja, serão as dimensões que procuraremos aqui explicar.

Este projeto pedagógico experimental foi iniciado com uma palestra em Aula Aberta, no dia 4 de Fevereiro de 2025, proferida por uma das autoras deste texto, Mel Campos (Ana Amélia Campos), comunicadora, Designer Estratégica e “criativista”, mulher negra baiana, que se encontrava em trânsito em Portugal para a apresentação do projeto *Biografia Preta*¹ de Inteligência Artificial [IA], baseado em tecnologias afro-centradas, no quadro da legislação aprovada no Brasil para preservar a memória afro e garantir conteúdo curado, relevante e plasmado na Lei 10.639/03. *Biografia Preta* teve lançamento e foi apresentada no Web Summit Lisboa 2024², por Mel Campos e, pelo terceiro autor deste texto, Leo Oliveira, analista e consultor de sistemas de telecomunicação, homem negro de São Paulo, ambos fundadores desta plataforma digital, hoje conhecida também como WINI.IA.

BIOGRAFIA PRETA: UMA PLATAFORMA DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL AFRO-CENTRADA

A *Biografia Preta* é uma plataforma de inteligência artificial que visa promover a valorização, o registo e a difusão de histórias de pessoas negras, construindo um acervo biográfico digital que rompa com as lógicas hegemónicas e euro centradas dos sistemas tradicionais de conhecimento. Fundada por Leo Oliveira, pretende romper com o apagamento histórico e o epistemicídio social, também praticado digitalmente. Os sistemas de IA atuais são “treinados” maioritariamente com dados provenientes de um posicionamento baseado num modelo de branquitude³, ignorando ou distorcendo as vivências e saberes de pessoas afro-centradas e diaspóricas.

A plataforma funciona assim como um acervo vivo de histórias e trajetórias negras, onde as biografias são registadas e organizadas com base em metodologias afetivas, colaborativas e de escuta ativa, priorizando narrativas

¹ *Biografia Preta* pode ser acedido no seguinte link: <https://biografiapreta.com/>

² Cf. notícia no Portal da Diáspora aqui: <https://portaldiaspora.com.br/biografia-preta-lanca-ia-afroreferenciada-no-web-summit-2024/>

³ Celber Leão define desta forma este conceito: “A branquitude se caracteriza por uma posição de privilégios, mas ao mesmo tempo é vista como uma forma de neutralidade racial, pois o branco se considera parte não integrante dos conflitos raciais, já que não vê a si mesmo como uma raça, mas como o normal. Essa categoria é atribuída ao branco somente em uma relação de dualidade entre o “eu” e o “outro”, o branco e o não branco. Esta relação acaba relegando ao negro ou ao não branco, os problemas raciais surgidos entre esses grupos.” (Leão, 2020: 20)

construídas a partir da perspectiva das próprias pessoas biografadas ou de suas redes. Acresce ainda que as biografias apresentadas na plataforma se transformam em uma IA generativa com a qual os estudantes (e os demais visitantes) podem interagir na primeira pessoa. A inteligência artificial de WINI.IA é programada para aprender com esses registros, expandindo seu repertório com base em dados culturalmente situados, éticos e diversos.

Desta forma, entre os principais recursos da plataforma destacam-se:

- › Ferramentas de construção e registo biográfico guiadas por roteiros sensíveis e metodologias baseadas na oralidade e no respeito à memória afro-diaspórica;
- › Um modelo generativo de IA treinado para lidar com a linguagem afro-centrada, combatendo vieses algorítmicos hegemônicos e promovendo justiça epistêmica;
- › Possibilidade de integrar a IA a experiências educacionais, museológicas e artísticas, como exposições e instalações performativas.

A dimensão biográfica da plataforma não se resume à coleta de dados sobre pessoas negras, ela opera como um gesto político, ético e estético de reconstrução da memória coletiva a partir da pluralidade das vivências negras. Registrar essas histórias é uma forma de devolver agência narrativa às pessoas que historicamente foram silenciadas ou representadas de forma estereotipada.

Neste projeto pedagógico com estudantes do Iscte, a WINI.IA apresenta-se como um recurso prático e simbólico para experimentar a construção de uma inteligência artificial mais plural, inclusiva e futurista. Ao produzir e alimentar a plataforma com biografias de pessoas racializadas em Portugal, tanto do passado colonial quanto do presente pós-colonial, os/as estudantes participam ativamente da ampliação do repertório da IA, desafiando os limites do conhecimento dominante e contribuindo para a criação de novos imaginários algorítmicos e sociais.

Como nos alerta Chimamanda Ngozi Adichie, em *O Perigo de uma História Única* (2023), “os estereótipos não são falsos, mas incompletos”. Esta autora nigeriana denuncia o risco de aceitarmos apenas uma narrativa sobre um povo ou grupo como sendo a totalidade da verdade. Essa lógica da “história única” alimenta estereótipos, desumaniza pessoas racializadas e legitima práticas coloniais contemporâneas — inclusive na forma como sistemas de inteligência artificial são treinados e utilizados. Ao construirmos biografias de pessoas racializadas na plataforma WINI.IA, buscamos justamente desafiar essa hegemonia narrativa, criando múltiplas vozes, perspectivas e memórias que tensionam a produção de conhecimento tradicional. Como defende Adichie, contar muitas histórias é uma forma de empoderar e humanizar. E isso é, no fundo, um gesto radical de descolonização algorítmica e epistêmica.

UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE INCLUSÃO DIGITAL

Podemos ler logo nas primeiras linhas do documento produzido em 2022 de aconselhamento pedagógico no Instituto Universitário de Lisboa – Iscte, que se “privilegia uma abordagem interativa, suportada num conjunto de métodos e estratégias pedagógicas diversas que refletem a diversidade científica e pedagógica da instituição.” (*Modelo Pedagógico do Iscte*, p.5). E mais adiante no citado documento pedagógico podemos ler ainda que: “[a] inclusão digital tem, globalmente, contribuído para o alargamento de recursos que visam a produção, o crescimento e divulgação de conhecimento. O Iscte está empenhado em proporcionar oportunidades a todos os estudantes para alcançarem a excelência nos seus diferentes domínios científicos no contexto dos novos desafios, nomeadamente ao nível da transição digital e do ensino à distância.” (*idem*: p.5). Foi com base neste pressuposto de inclusão e transição digital como eixo relevante para o “alargamento de recursos que visam a produção, o crescimento e divulgação de conhecimento” que nos pareceu muito adequado incluir uma reflexão e um exercício prático que desconstruísse e descolonizasse o modo como usamos e interagimos com ferramentas IA. O exemplo da *Biografia Preta*, referente ao contexto brasileiro, poderia ser uma excelente base de produção de conhecimento crítico para pensar os efeitos do algoritmo e da interação em IA decorrente dos enquadramentos em contexto português, em torno das histórias, vivências e biografias de pessoas racializadas na nossa história colonial e na contemporaneidade.

A natureza da IA generativa – capaz de mobilizar e articular textos, imagens fixas e vídeos – transforma não apenas a forma como usamos e interagimos com a tecnologia, mas também como pensamos a linguagem, a cognição e a aprendizagem. O potencial transformador da IA age irremediavelmente sobre a comunicação e a sociabilidade humanas. Mas a IA, tal como outras formas de produção de conhecimento, devem ser pensadas com sendo produzidas a partir de um certo lugar.

Como diria Donna Haraway, em “*Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*” (1988), todo o conhecimento é situado. Haraway discute a importância de reconhecer a parcialidade e a localização de todo conhecimento, criticando a ideia de uma ciência neutra e universal; e conclui que todo conhecimento é produzido a partir de uma posição específica, influenciada por fatores como gênero, classe, raça e contexto histórico-social. Essa foi a premissa de partida para pensar como a IA, que conhecemos no regime algorítmico ocidental e eurocentrado e com que os e as estudantes no Iscte interagem digitalmente, solicitava agora uma outra abordagem, descolonizadora, mais inclusiva e plural. E daí o propósito de experimentação de um projeto pedagógico de utilização de ferramentas de IA com outro tipo de centramento, capazes de incluir histórias, narrativas e aprendizagens que provêm de outras fontes, de outras vivências e de outros

saberes e conhecimentos não-hegemônicas que não o ocidental, eurocentrado, necessariamente branco, por isso, *mainstream*.

Desta forma, a proposta lançada aos e às estudantes foi a de realizarmos, numa primeira fase, em grupos pequenos, entrevistas biográficas a pessoas racializadas conhecidas dos e das estudantes (familiares, vizinhos, amigos, colegas) e procurar criar pequenas biografias que serão introduzidas na plataforma digital, numa página específica sobre registos biográficos em Portugal. Este exercício funciona como teste para aprendizagem e uso das ferramentas digitais de IA que a plataforma *Biografia Preta* disponibiliza. Numa segunda fase, subordinados a dois eixos de pesquisa coletiva em fontes diversas de documentação, em arquivos materiais ou em ciberpesquisa, de textos, fotos e vídeos que retratem biografias de pessoas racializadas na história colonial e recente de Portugal. A turma será dividida em dois grandes grupos de pesquisa em dois eixos temporais: num eixo, serão realizadas pesquisas sobre biografias de personalidades históricas racializadas do passado colonial português; e, num outro eixo, biografias de personalidades racializadas contemporâneas, do período pós-colonial. Este projeto terminará com a curadoria coletiva de uma instalação performativa que apresentará estas biografias seja em formato digital na plataforma *Biografia Preta*, seja em formato expositivo num Festival ligado à criação artística e aos diálogos com a academia em torno da experiência transatlântica que liga Portugal e o Brasil, e que se irá desenrolar na Biblioteca de Alcântara em maio 2025⁴.

Não devemos esquecer que a Unidade Curricular Colonialismo, Pós-colonialismo e Antropologia é uma disciplina que procura, como se pode ler no seu Programa, “(...) propor um conjunto de reflexões teóricas críticas que auxiliem o/a estudante a constituir uma análise crítica do mundo contemporâneo, possibilitando a desconstrução de um conjunto de práticas e discursos que as malhas dos Impérios [coloniais] teceram.” Ora, justamente, analisar com as e os estudantes estas biografias de pessoas racializadas, além de ampliar a narrativa histórica a personagens geralmente invisibilizados, permitirá eventualmente perceber as formas de apagamento, de enviesamento ou de inclusão distorcida das histórias, narrativas e vivências dessas pessoas no quadro da produção de uma “história única” que se torna a narrativa oficial que Portugal fez ou faz ainda dessas pessoas, dessas biografias, dessas vidas. E, se tal como Michael Pollak (1989) sublinha, certas memórias de grupos marginalizados ou minoritários, frequentemente suprimidas pela “memória oficial”, persistem de forma silenciosa e emergem em momentos de crise, desafiando narrativas dominantes, então, eis aqui plasmada a principal aposta deste projeto: a criação destas biografias construídas com e a partir de abordagens plurais, inclusivas e com um enfoque afro-centrado para desconstruir abordagens únicas e eurocentradas.

⁴ Aqui o acesso na Plataforma Biografia Negra Wini.IA das biografias coletadas pelos estudantes durante o semestre. <https://winiia.com.br/historiaviva?mode=wall> (20 maio 2025)

Acresce que a tarefa crítica da disciplina é a de fornecer os instrumentos analíticos e reflexivos (no campo da antropologia, da crítica pós-colonial e dos estudos decoloniais) para densificar informação, para ativar a atenção e despertar o pensamento crítico de modo a descolonizar as fontes e documentos, com vista a perceber como se representam e se racializam estórias e biografias e, assim, desconstruir formas de discriminação e de racismo na produção de conhecimento. A sua produção e inclusão numa plataforma de IA afro-centrada e plural, permitirá favorecer um conhecimento que pode pensar de modo crítico a realidade humana e as mutações sociais decorrentes do uso de algoritmos na perspetiva de uma nova forma de colonialismo ligado ao capitalismo contemporâneo.

Uma outra contribuição que deve ser destacada é a preservação da história, pois umas das tecnologias presentes na plataforma WINI.IA é o chamado modelo de *Blockchain*, que estrutura a informação inteligente e que garante que nenhuma linha seja apagada. Assim, todo conteúdo ali inserido será armazenado e protegido para continuidade e propagação algorítmica das histórias em suas diversidades e pluralidades.

Como nos adverte, Dora Kaufman no prefácio ao livro de Alexandre Le Voci Sayad (2023), admite-se consensualmente que os sistemas inteligentes interferem no mundo e que as suas ações não são moralmente neutras:

“Alguns filósofos alegam que a IA não tem capacidade para avaliar as consequências de suas ações; outros defendem uma moralidade com base em critérios não antropocêntricos; outros ainda defendem atribuir o agenciamento moral aos sistemas de IA, mas com a ressalva de que “moralidade” é muito mais do que meramente seguir regras”

(KAUFAM apud SAYAD, 2023, p.11)

Essa reflexão se soma às críticas de Tarcízio Silva, em *Linha do Tempo do Racismo Algorítmico* (2022), que evidencia que os algoritmos não apenas refletem desigualdades raciais, como os amplificam em escala digital. A obra mapeia casos emblemáticos de racismo algorítmico e propõe uma crítica direta ao que chama de *colonialismo de dados*: a prática de extrair e explorar informações de populações racializadas sem consentimento, convertendo-as em mercadoria para benefício de corporações do Norte Global. Segundo o autor, o desenvolvimento e a operação de sistemas de IA são conduzidos dentro de uma infraestrutura técnico-política excludente, moldada por lógicas extrativistas, capitalistas e racializadas.

O projeto que aqui propomos, acreditamos, tensiona essa lógica ao oferecer uma prática educativa e tecnológica fundamentada em justiça epistêmica e preservação histórica. Se, como afirma Tarcízio, “os algoritmos organizam o mundo com base em hierarquias já existentes”, o uso da WINI.IA em contexto pedagógico opera como uma forma de insurgência generativa, promovendo

uma reconfiguração do que é considerado dado legítimo, e atuando diretamente na disputa por visibilidade, memória e poder simbólico.

Por outro lado, a criatividade é, de parceria com este agenciamento moral, também questionada na sua exclusividade humana e expandida, sem consenso, todavia, para os modelos generativos de IA. Mas sabemos que essa criatividade generativa da IA faz depender os seus modelos das fontes consultadas, já que os seus algoritmos são “formatados” e “treinados” pela profusão de bases de dados disponíveis na *internet*, de imagens e textos. E justamente este é um dos pontos críticos deste projeto: o de, por um lado, refletir sobre o modo situado e posicionado de produção de conteúdos na *internet* e, por outro, o de potenciar a consulta de narrativas e fontes plurais. E assim, ampliar e multiplicar os conteúdos não discriminatórios e anti-racistas no universo da *internet*, contribuindo para descolonizar o algoritmo.

Graciela Natansohn, Susana Morales e Sergio Rodrigo da Silva Ferreira (2022) referem-se também ao conceito de *colonialismo de dados*, particularmente instigante para pensar como estas formas de agenciamento moral e criatividade da IA são, na maioria das vezes, reféns de uma certa situacionalidade e posicionalidade da produção de conhecimento:

“O conceito de colonialismo de dados serve como uma ferramenta crítica para concebermos as apropriações de nossas vidas convertidas em dados e, por conseguinte, mercadorias por empresas transnacionais de comunicação e tecnologia da informação.”

(NATANSOHN; MORALES & FERREIRA, 2022: p.21)

Para estas autoras, a vida humana e sua narrativa, via algoritmização, está diretamente articulada com o capital financeiro e corporativo. Trata-se de um conceito que complexifica e permite pensar criticamente a cultura digital como inserida em uma fase contemporânea do capitalismo digital que, dessa forma, produz uma nova forma de colonização, com um forte enfoque económico nas plataformas digitais. Frequentemente associado a uma captação abusiva e ao processamento massivo de dados, as plataformas digitais transformam-se, como sabemos, em valiosa mercadoria para certas corporações agenciarem seus modelos de oferta de consumo. No fundo, trata-se de pensar este colonialismo de dados numa variante de *colonialidade do saber*⁵ em formato digital.

⁵ A colonialidade do saber é um conceito desenvolvido por pensadores da chamada escola Modernidade/Colonialidade, depois também conhecida por crítica decolonial, como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo ou Catherine Walsh, para descrever como o conhecimento foi estruturado de forma eurocêntrica desde a colonização das Américas. Esse conceito mostra que a dominação colonial não se restringiu apenas à economia e à política, mas também afetou profundamente a produção e validação do conhecimento.

Refletir sobre esta versão algorítmica da *colonialidade do saber* ajuda a questionar quem tem o direito de produzir conhecimento, e ao mesmo tempo a buscar formas mais plurais e inclusivas de compreender o mundo – princípios orientadores deste projeto.

Se o uso acrítico da IA reforça a persistente lógica da exclusão e discriminação de narrativas outras, ela funciona também como uma herança danosa do colonialismo e do capitalismo. É impossível ignorar as formas como os algoritmos organizam conhecimentos, tantas vezes enviesando ou desconsiderando questões como gênero, raça e classe social, as quais contribuem e reforçam processos de invisibilidade, exclusão e discriminação social. Nesse sentido, Rosana Rosa (2023) refere um exemplo paradigmático sobre uma pretensa tentativa de diálogo sobre assuntos africanos com o ChatGPT, e que em dois meses ganhou adesão recorde de usuários – cerca de 100 milhões, segundo Ruvic/Reuters – desde seu lançamento, em novembro de 2022:

“Ocorre que o resultado do diálogo com o ChatGPT não chega a surpreender. O *software* respondeu com a ausência de conhecimentos de temas africanos dizendo que ‘não se intromete nos assuntos africanos’. Portanto, não se trata de delicada não intromissão, mas sim de exclusão e de um tipo de epistemicídio discriminatório que demanda uma mudança inclusiva e descolonizadora.”
(ROSA apud SAYAD, 2023, 139)

UM DIÁLOGO COM O CHATGPT SOBRE COLONIALIDADE DE DADOS

Curiosamente, no momento de escrita deste texto, procurámos estabelecer o mesmo diálogo com o chatGPT e eis que, porventura baseado em um algoritmo de um antropólogo e de um interessado em questões de negritude, de colonialismo e pós-colonialismo, obtivemos uma resposta mais inclusiva face à pergunta “Que dizer da IA ser sempre eurocentrada e produtora de um certo epistemicídio e silenciamento de outras vozes, de outras histórias?”. A esta questão obtivemos a seguinte resposta:

“Essa é uma questão essencial! A inteligência artificial, como qualquer tecnologia, reflete os contextos em que é desenvolvida. O fato de a maioria das bases de dados e dos modelos de IA serem construídos a partir de fontes ocidentais faz com que muitas narrativas africanas, indígenas e do Sul Global sejam sub-representadas ou distorcidas. (...) A colonização não se deu apenas pela terra, mas também pelo conhecimento. Durante séculos, saberes africanos – seja na medicina, na filosofia ou na arte – foram desvalorizados em favor de perspectivas europeias. Mesmo hoje, muitas universidades e instituições priorizam teorias e autores europeus em detrimento de pensadores africanos como Cheikh Anta Diop, Ngũgĩ wa Thiong'o ou Soyinka. A boa notícia é que há um crescente movimento de decolonização do conhecimento. Por exemplo, iniciativas de IA

na África, como a Masakhane, trabalham para fortalecer línguas africanas na tecnologia, enquanto projetos acadêmicos e culturais buscam resgatar e promover epistemologias africanas.”

(diálogo com ChatGPT, 22 março 2025)

E o curioso é que o ChatGPT termina esta reflexão com uma pergunta: “Você acha que há formas de tornar a IA mais inclusiva e descentralizada?”. Face a esta questão, devolvemos-lhe a pergunta: “E você o que acha?” Ao que a IA generativa do ChatGPT prosseguiu:

“Acho que a IA precisa ser radicalmente descentralizada para evitar reproduzir padrões coloniais de conhecimento. Isso significa não só incluir mais dados africanos e do Sul Global, mas também repensar as estruturas e lógicas que guiam esses sistemas. Por exemplo, a maioria dos modelos de IA atuais opera dentro de uma lógica capitalista ocidental: eficiência, produtividade e centralização do conhecimento. Mas e se aplicássemos conceitos africanos como o Ubuntu (“eu sou porque nós somos”) na construção da IA? Isso poderia levar a modelos mais comunitários, colaborativos e éticos. Também vejo a necessidade de investir na soberania tecnológica dos países africanos. Hoje, grande parte da infraestrutura digital ainda está nas mãos de grandes corporações ocidentais. A criação de *data center* locais, universidades focadas em IA e políticas públicas para promover inovação africana são passos fundamentais.”

(diálogo com ChatGPT, 22 março 2025)

E novamente o diálogo se encerra com uma pergunta que a IA nos coloca: “Mas e você? Como enxerga esse desafio? Acha que é possível “descolonizar” a IA ou a tecnologia sempre será um reflexo do poder dominante?”

Ora poderíamos ter respondido justamente com esta proposta de descolonização do conhecimento que lançámos aos e às estudantes da UC Colonialismo, Pós-colonialismo e Antropologia, mas decidimos concluir o diálogo com uma pergunta muito direta: “Mas e em relação à IA, o que se pode fazer para descolonizar essa produção de conhecimento?” E a resposta foi muito estimulante, focando o argumento na ideia de que para descolonizar a IA é preciso mudar tanto quem a constrói quanto como ela é construída; e sugerindo 4 elementos transformativos: 1) diversificar as fontes de dados (línguas e fontes de realidades diversas e não hegemônicas); 2) soberania tecnológica (sobretudo de países não centrais); 3) mudar a lógica extrativista da IA para uma lógica colaborativa e comunitária (p.ex. Ubuntu); 4) educação e participação local na construção de IA feita com e para as pessoas. E conclui: “A tecnologia nunca é neutra, e a IA precisa ser construída de forma a incluir e respeitar múltiplas perspectivas.”.

Na sequência deste diálogo com a IA generativa do ChatGPT, pudemos talvez entrever uma janela de oportunidades para uma construção de uma IA mais inclusiva, mais plural e diversa e esperamos que este projeto pedagógico

experimental em conexão com a plataforma *Biografia Preta* sejam um passo significativo na descolonização da produção de conhecimento, oferecendo recursos que destacam a riqueza da diversidade cultural e promovem uma educação mais inclusiva e representativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que uma iniciativa pontual, este projeto pedagógico propõe-se como um ensaio experimental transformador no campo do ensino, sobretudo do ensino superior, na interseção entre antropologia, tecnologia, justiça e impacto social. Ao integrar a plataforma WINI.IA na Unidade Curricular de *Colonialismo, Pós-colonialismo e Antropologia*, afirmamos a potência da educação como um espaço de resistência e reimaginação de futuros. Entre as aprendizagens que desejamos extrair desta experiência, destacamos:

- › A importância da alfabetização crítica em tecnologias emergentes, com foco na reconstrução de ética algorítmica, nas epistemologias de branquitude e na justiça de dados;
- › O exercício de escuta ativa, investigação e curadoria coletiva como práticas de cuidado e responsabilidade narrativa e de conhecimento;
- › O reconhecimento da IA como um campo em disputa, onde é urgente debater sentido, linguagem e representatividade;
- › A experimentação pedagógica como ferramenta de construção de saberes plurais, afetivos e situados que escapem à lógica colonial da objetividade neutra.

No final do percurso, esperamos que os/as estudantes não apenas compreendam os mecanismos técnicos e simbólicos que estruturam os sistemas algorítmicos, mas que também se reconheçam como agentes de transformação, capazes de intervir, questionar e propor novas formas de usar e fazer tecnologias – mais humanas, mais justas, mais múltiplas.

Se, como afirmou bell hooks, “a educação como prática da liberdade é o meio pelo qual os homens e as mulheres lidam de maneira crítica com a realidade e descobrem como participar da transformação do seu mundo”, então que este projeto seja uma pequena semente dessa transformação.

BIBLIOGRAFIA

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi (2023) *Uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras. (Tradução a partir da palestra dada por Chimamanda Ngozi Adichie no TEDGlobal em julho de 2009)
- HARAWAY, Donna (1988) "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", *Feminist Studies*, 14(3), pp. 575-599.
- hooks, bell. (2013) *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Ana Luiza Andréa Soares. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- KAUFMAN, Dora (2023) Prefácio a SAYAD, Alexandre Le Voci. *Inteligência Artificial e Pensamento Crítico: caminhos para a educação midiática*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, pp.10-14.
- LEÃO, Cleber Teixeira (2020) *Entre o visível e o invisível: a branquitude e as relações raciais nos conteúdos curriculares de ensino de história*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Pós-Graduação em História, Porto Alegre, Brasil.
- NATANSOHN, Graciela; MORALES, Susana; FERREIRA, Sergio Rodrigo da Silva (2022) Colonialismo de dados e apropriação das tecnologias digitais: articulações e propostas a partir de uma perspectiva feminista. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, set./dez. 24 (3), p. 21-34.
- POLLAK, Michael (1989) "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, 2(3), pp. 3-15.
- ROSA, Rosana (2023) "Posfácio – Inteligência artificial e colonialismo de dados" in SAYAD, Alexandre Le Voci, *Inteligência Artificial e Pensamento Crítico: caminhos para a educação midiática*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, pp.134-140.
- SAYAD, Alexandre Le Voci (2023) *Inteligência Artificial e Pensamento Crítico: caminhos para a educação midiática*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta.
- SILVA, Tarcízio. (2022) *Linha do tempo do racismo algorítmico: uma introdução às discriminações algorítmicas no capitalismo de vigilância*. São Paulo: Editorial Ocupa.